



Congresso Médico Acadêmico UniFOA 2025

Capacitação de Futuros Médicos para o Cuidado
Crítico em Emergências e Terapia Intensiva



Meninas no Espectro: Entre o Silêncio e o Atraso no Diagnóstico

Bianca Soares Branco¹; **Bruna Freitas Marcharet Branco**²; **Giulya Chaves Coutinho**³; **Maria Eduarda Rodrigues**⁴; **Maria Luiza Tannus**⁵; **Milena Sales de Freitas**⁶; **Yasmin Curvelo Dias**⁷; **Margareth Lopes Galvão Saron**⁸

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.

chavesgiulya@gmail.com

0009-0000-5258-208X
0009-0004-1111-7738
0009-0002-5658-2348
0009-0002-2486-5546
0009-0008-2390-2759
0009-0002-1440-0999
0009-0000-2820-1312
0000-0001-5024-2188

Resumo: Atualmente, a temática do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido fortemente abordada, sobretudo na mídia. Nesse contexto, estudos indicam uma maior prevalência de diagnósticos em meninos, com uma média de 4:1 em relação às meninas. Além disso, observa-se uma diferença significativa na idade média de diagnóstico: 7 anos para meninos e 14 anos para meninas. Pesquisas apontam que essa disparidade pode estar relacionada a desafios específicos no diagnóstico em meninas, resultando em uma avaliação clínica mais tardia. O presente artigo realizou uma revisão de literatura com o objetivo de compreender os fatores que dificultam o diagnóstico de TEA em meninas. Os resultados evidenciam que, além da escassez de estudos voltados à população feminina, fatores genéticos, hormonais e sociais contribuem para o subdiagnóstico, como fenômeno do masking. A invisibilidade clínica resultante pode comprometer o desenvolvimento acadêmico e emocional, dificultando o acesso a intervenções adequadas. Conclui-se que é fundamental revisar os critérios diagnósticos e investir na capacitação de profissionais da saúde e da educação, para que considerem as particularidades de gênero no espectro autista, promovendo o diagnóstico precoce, o tratamento eficaz e a melhoria da qualidade de vida de meninas com TEA.

Palavras-chave: Diagnóstico. Gênero. Meninas. Transtorno do Espectro Autista.



Congresso Médico Acadêmico UniFOA 2025

Capacitação de Futuros Médicos para o Cuidado
Crítico em Emergências e Terapia Intensiva



INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta a interação social e a comunicação, além de apresentar padrões de atividades e interesses, assim como ações limitadas e repetitivas de comportamento. Historicamente, é notável que a quantidade de diagnósticos em meninos é prevalente, com uma razão aproximadamente de 4:1 em relação às meninas (INSTITUTO BRASILEIRO DE ABA, 2024). No entanto, estudos recentes sugerem que essa desproporção pode estar associada a diferentes características, ocasionando subdiagnóstico ou diagnósticos tardios em meninas (COLETIVAMENTE, 2024).

Em geral, meninas com TEA manifestam sintomas mais sutis que os meninos. Enquanto eles tendem a apresentar comportamentos mais evidentes, como movimentos repetitivos e interesses restritos, elas costumam desenvolver estratégias de camuflagem social. Por meio dessas estratégias, imitam padrões de comportamento social esperados, disfarçando suas dificuldades e se adaptando aos contextos sociais. Essa habilidade pode retardar o diagnóstico por mascarar os sinais do transtorno, ao mesmo tempo em que acarreta sofrimento psicológico, como ansiedade e esgotamento emocional (INSTITUTO DE PSIQUIATRIA, 2024).

Os interesses das meninas com TEA geralmente se alinham aos estereótipos de gênero, como temas relacionados a literatura ou animais, o que dificulta o reconhecimento desses comportamentos como sinais de autismo. Além disso, os critérios tradicionais de diagnóstico, desenvolvidos majoritariamente com base em pesquisas com meninos, não contemplam integralmente as manifestações femininas do transtorno, favorecendo diagnósticos tardios ou incorretos (ROSA, 2023).

A camuflagem social, apesar de facilitar interações em curto prazo, pode comprometer relações autênticas e gerar exaustão emocional. Essa habilidade de mascaramento dificulta o trabalho dos profissionais de saúde ao identificar



Congresso Médico Acadêmico UniFOA 2025

Capacitação de Futuros Médicos para o Cuidado
Crítico em Emergências e Terapia Intensiva



sinais clínicos, atrasando intervenções necessárias (INSTITUTO BRASILEIRO DE ABA, 2024; INSTITUTO DE PSIQUIATRIA, 2024). A ausência de diagnóstico adequado impacta negativamente o desenvolvimento acadêmico e emocional, contribuindo para o surgimento de quadros de ansiedade, depressão e dificuldades interpessoais (COLETIVAMENTE, 2024; ROSA, 2023).

Diante disso, é essencial que profissionais da saúde e educação estejam atentos às manifestações diferenciadas do TEA em meninas, considerando as particularidades de gênero. A adoção de critérios mais inclusivos e específicos é fundamental para garantir o diagnóstico precoce, o suporte adequado e a promoção do bem-estar dessas meninas (INSTITUTO DE PSIQUIATRIA, 2024).

Diante do exposto, esse artigo tem como objetivo compreender como fatores genéticos, hormonais, culturais e sociais influenciam a manifestação do TEA em indivíduos do sexo feminino, bem como evidenciar de que forma essas especificidades podem contribuir para o diagnóstico tardio. Ademais, busca-se discutir o impacto desses fatores na trajetória de desenvolvimento emocional, acadêmico e social das meninas com o transtorno, enfatizando a necessidade de revisão dos critérios diagnósticos utilizados atualmente, que são baseados, em grande parte, em estudos voltados ao sexo masculino. Por fim, o estudo visa destacar a importância da capacitação de profissionais da saúde e da educação para o reconhecimento precoce do transtorno em meninas, promovendo assim um cuidado mais equitativo e eficaz, pautado nas particularidades de gênero dentro do espectro autista.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de artigos da literatura médica por meio de pesquisas no acervo do Google Acadêmico no período de março a abril de 2025. Foram utilizados os descritores: “TEA”, “Autismo em meninas” e “Diagnóstico de TEA em crianças”. A partir disso, foram encontrados alguns artigos que foram selecionados de acordo com os critérios específicos que visam atender as



Congresso Médico Acadêmico UniFOA 2025

Capacitação de Futuros Médicos para o Cuidado
Crítico em Emergências e Terapia Intensiva



propostas do estudo. Os critérios de inclusão foram: artigos e revisões sistemáticas nos idiomas inglês e português; publicados no período de 2019 a 2025 e que apresentassem a temática condizente a este artigo. Os critérios de exclusão foram: artigos que não apresentavam suas propostas relacionadas à abordagem desta revisão, e artigos em outros idiomas, dos quais não citados acima.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das pesquisas feitas, evidenciou-se uma grande dificuldade em diagnosticar o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em meninas devido a vários fatores, sendo alguns deles a escassez de estudos sobre o transtorno em indivíduos do sexo feminino, a diferença cultural do comportamento entre meninos e meninas, a variedade de características diagnósticas presentes no espectro e outras.

Inicialmente, o conceito do transtorno abordado deve ser delimitado. Popularmente conhecido como autismo, o TEA é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades na comunicação e interação social, além de padrões de comportamento repetitivos e interesses específicos/restritos. O termo “espectro” é utilizado porque os sinais e a intensidade do transtorno variam entre os indivíduos, podendo ir de formas leves a mais severas. (BRASIL, 2021)

O autismo geralmente se manifesta nos primeiros anos de vida e acompanha o indivíduo por toda a vida. O diagnóstico é clínico, baseado na observação do comportamento da criança e em relatos dos cuidadores.

Quanto aos obstáculos diagnósticos, pode ser citado o fator genético. Cientistas afirmam que muitos dos genes envolvidos no desenvolvimento neurológico estão presentes no cromossomo X, o que confere ao sexo feminino uma maior “resistência” à distúrbios quando comparadas ao sexo masculino, já que em meninas há uma “cópia reserva” do cromossomo atuante.



Congresso Médico Acadêmico UniFOA 2025

Capacitação de Futuros Médicos para o Cuidado
Crítico em Emergências e Terapia Intensiva



A proporção média de diagnósticos do TEA entre os sexos é de 4 diagnósticos masculinos para 1 diagnóstico feminino, evidenciando certa suscetibilidade genética que os meninos possuem em desenvolver o transtorno (HOSPITAL MOINHOS DE VENTO, 2022).

Além desse fator biológico, aspectos sociais também devem ser citados, já que o autismo é considerado um transtorno multifatorial, ou seja, combina fatores ambientais e genéticos. Na maioria das culturas ao redor do mundo, espera-se que as meninas sejam mais contidas, mais gentis, delicadas, indo ao encontro de normas tradicionais de gênero, que assimilam esses fatores à feminilidade. Sendo assim, implica-se que desde muito novas, as meninas aprendem a esconder ou mascarar certos comportamentos diante da sociedade, sendo elas neurotípicas ou neurodivergentes. Porém, quando se trata do TEA, existe um fenômeno conhecido como masking, um método de camuflagem social, que consiste em esconder ou disfarçar as características autísticas a fim de se adaptar às expectativas sociais. (SANTOS, 2023)

As expectativas comportamentais associadas ao masking dificultam a expressão das características do espectro. Além disso, em alguns casos, os próprios pais podem demonstrar resistência ou receio diante de um diagnóstico de autismo, tanto por desconhecimento e pré-conceito quanto pelo medo de que a filha enfrente dificuldades ao longo da vida.

Esses fatos, muitas vezes, fazem com que meninas com TEA passem despercebidas pelos pais, por professores, cuidadores ou profissionais da saúde que pensam ser timidez, quietude.

Um terceiro ponto que pode ter influência no neurodesenvolvimento e na diferenciação das características diagnósticas são os hormônios, mais especificamente, a testosterona, de acordo com a hipótese do Cérebro Masculino Extremo, proposta por Simon Baron-Cohen. (BARON-COHEN, 2006)

Essa teoria diz sobre a atuação da testosterona no desenvolvimento cerebral e como ela pode contribuir para um melhor desenvolvimento de áreas



Congresso Médico Acadêmico UniFOA 2025

Capacitação de Futuros Médicos para o Cuidado
Crítico em Emergências e Terapia Intensiva



responsáveis por características sistemáticas — como foco em padrões, lógica e regras — e suprimir, de certa forma, áreas responsáveis por habilidades empáticas e sociais. (BARON-COHEN, 2006)

Visto que nos indivíduos do sexo masculino há um maior nível de testosterona, o desenvolvimento sistemático será mais enfatizado que nos indivíduos do sexo feminino, mas que ainda se mostra presente. Essa sistematização pode se manifestar em interesses tradicionalmente ditados como “autistas”, que invisibiliza aqueles que não seguem esse padrão, principalmente as meninas. (BARON-COHEN, 2006)

Esse pensamento condiz também com o fator social de gênero, que juntos se tornam mais um agravo ao diagnóstico de TEA em meninas.

Diante de todos esses achados, é possível afirmar que muitas vezes o diagnóstico do transtorno em meninas é tardio, afetando não só o paciente e seu desenvolvimento social, mas também as pessoas ao seu redor. Quanto ao desenvolvimento social, não significa que a pessoa tenha que se moldar às normas tradicionais, mas sim que diante de uma sociedade neurotípica, o autista pode ter gatilhos ou estímulos incômodos, desconfortáveis, e o diagnóstico precoce dessa condição traz autoconhecimento para que ele saiba lidar com seus impulsos da melhor forma, que ele se sinta acolhido em seu próprio corpo e mente, evitando que ele cresça com sentimentos de inadequação, ansiedade, baixa autoestima e etc. (ARCOS; PEREIRA, 2023)

Outro elemento que também dificulta o diagnóstico é a escassez de estudos sobre o TEA na população feminina. Grande parte das pesquisas feitas abrangem muito mais o público masculino, não só por uma maior prevalência de casos em homens, mas também pela estigmatização do transtorno e invisibilidade de características que quebram o padrão diagnóstico. Estudos focados no público feminino seriam um grande avanço, pois mesmo aqueles que abrangem as mulheres, se mantêm numa visão “masculinizadas.” (ARCOS; PEREIRA, 2023)



Congresso Médico Acadêmico UniFOA 2025

Capacitação de Futuros Médicos para o Cuidado
Crítico em Emergências e Terapia Intensiva



CONCLUSÕES

Diante do exposto, verifica-se que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em meninas permanece como um desafio relevante no campo da saúde e do neurodesenvolvimento. As manifestações clínicas mais sutis, camuflagem social e a aderência a estereótipos de gênero dificultam a identificação precoce do transtorno, favorecendo o subdiagnóstico ou diagnósticos tardios. Essa invisibilidade clínica compromete não apenas o desenvolvimento social e acadêmico dessas meninas, como também dificulta o acesso a intervenções terapêuticas que poderiam minimizar os impactos funcionais do TEA ao longo da vida.

Dessa forma, destaca-se a importância da capacitação contínua de profissionais da saúde e da educação para a identificação de sinais atípicos em meninas, bem como a necessidade de revisão dos instrumentos diagnósticos vigentes, de modo que contemplem as nuances do sexo feminino. A construção de um olhar mais sensível às particularidades de gênero no contexto do espectro autista é essencial para garantir equidade no diagnóstico, no tratamento e no acolhimento, promovendo melhor qualidade de vida e bem-estar para meninas e mulheres com TEA.



Congresso Médico Acadêmico UniFOA 2025

Capacitação de Futuros Médicos para o Cuidado
Crítico em Emergências e Terapia Intensiva



REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE ABA. Peculiaridades do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em Mulheres: Desafios Diagnósticos e Terapêuticos. 2024. Disponível em: [https://ibraba.com.br/peculiaridades-do-transtorno-do-espectro-autista-tea-em](https://ibraba.com.br/peculiaridades-do-transtorno-do-espectro-autista-tea-em-mulheres-desafios-diagnosticos-e-terapeuticos/) mulheres-desafios-diagnosticos-e-terapeuticos/. Acesso em: 18 abr. 2025.

INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Diagnóstico precoce de autismo é mais difícil em meninas; conheça os sinais do transtorno. 2024. Disponível em: [https://ipqhc.org.br/2024/04/02/diagnostico-precoce-de-autismo-e-mais-dificil-em](https://ipqhc.org.br/2024/04/02/diagnostico-precoce-de-autismo-e-mais-dificil-em-meninas-conheca-os-sinais-do-transtorno/) meninas-conheca-os-sinais-do-transtorno/. Acesso em: 18 abr. 2025.

ROSA, D. C. Desafios e complexidade diagnóstica do autismo em meninas e mulheres: uma revisão sistemática da literatura. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/70084>. Acesso em: 18 abr. 2025.

COLETIVAMENTE. Desafios no diagnóstico. 2024. Disponível em: <https://coletivamente.com.br/desafios-no-diagnostico> /. Acesso em: 18 abr. 2025.

ARCOS, Giulia Malagoni de Castro Guedes; PEREIRA, Ana Clara Luz. Dificuldades no diagnóstico de autismo em meninas. In: Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde. Rascunho - Volume 1, p. 1-15.

SANTOS, E. R. dos. Como os estereótipos de gênero interferem no diagnóstico de meninas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/38248/3/ComoEstere%C3%B3tiposG%C3%AAnero.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.



Congresso Médico Acadêmico UniFOA 2025

Capacitação de Futuros Médicos para o Cuidado
Crítico em Emergências e Terapia Intensiva



BARON-COHEN, S. The hyper-systemizing, assortative mating theory of autism. *Progress in Neuropsychopharmacology & Biological Psychiatry*, v. 30, n. 5, p. 865–872, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Título do documento: subtítulo (se houver). Local: Ministério da Saúde, ano. Disponível em: <URL>. Acesso em: dia mês ano.